

Funaro nos EUA *Divida - Externa* reitera a necessidade de investimentos

Telefoto AP



Marcílio Marques Moreira, Dilson Funaro, David Rockefeller e George Landau

vos representam uma parte substancial da despesa do Governo. Dilson Funaro disse aos banqueiros e empresários que a situação é clara:

— Todos os grandes problemas econômicos que hoje afligem a sociedade brasileira têm sua solução vinculada à superação do estrangulamento representado pelo ônus da dívida externa — afirmou.

Na opinião do Ministro, o crescimento econômico do Brasil depende da combinação de dois fatores: esforço interno de investimento e poupança e contribuição externa para reduzir as transferências líquidas.

Depois do discurso no Conselho de Relações Exteriores, o Ministro da Fazenda respondeu a várias perguntas. Um banqueiro quis saber o seguinte:

— Se uma empresa americana no Brasil declara a moratória e suspende o pagamento dos impostos, o que ele faria?

A saída do Ministro foi olímpica, segundo a informação de um participante do almoço.

— Nós tratamos muito bem as empresas estrangeiras que operam no

Brasil e não deixaríamos que a situação chegasse a tal ponto — respondeu Funaro.

As 14h o Ministro da Fazenda atravessou a rua e entrou no Conselho das Américas, onde a palestra foi praticamente igual à anterior. O ex-banqueiro David Rockefeller saiu um pouco mais cedo porque tinha um compromisso, e, pelo que viu, achou que o Ministro esteve ali apenas para explicar os problemas econômicos brasileiros e sugerir algumas possíveis soluções.

— Estou afastado há muito tempo do mercado e não posso expressar qual é o ponto de vista dos banqueiros atualmente — limitou-se a dizer.

Depois de quase duas horas no Conselho das Américas — encontro do qual também participou o Presidente do Banco Central, Francisco Gros — o Ministro da Fazenda disse que há várias formulações possíveis quando se trata de converter dívidas em investimentos.

— No fim, tudo são propostas para permitir que haja uma negociação do principal da dívida que está no Brasil, enquanto nós queremos é discutir os juros que estão lá — disse.

Citibank, porque o Presidente John Reed estaria fora da cidade.

Acompanhado do embaixador Marcílio Marques Moreira, o Ministro chegou ao meio-dia na esquina da Rua 68 com a Park Avenue. De um lado da rua está o Conselho de Relações Exteriores e, do outro, o Conselho das Américas. Ele esclareceu que não iria discutir medidas econômicas internas, mas sim o problema do financiamento externo.

— Nesse momento — disse o Ministro — vamos conversar sobre a sequência da discussão da dívida. Vamos verificar o fórum apropriado, as pessoas, enfim, vamos dar a partida para esse processo.

O Ministro disse que não conhece a reação dos banqueiros ao plano de refinanciamento proposto pelo Governo, porque não conversou com eles nos últimos três dias. Afirmou que não vai ter uma reunião formal com os integrantes do Comitê Coordenador da Dívida Brasileira, liderado pelo Citibank. “Vamos entregar nosso plano aos banqueiros que, por acaso, nós encontrarmos na reunião do FMI”, afirmou.

Um dos Assessores do Ministro, que pediu para não ser identificado,

explicou que não só mudou a forma da negociação, como a sua própria metodologia. Ele deu a entender que a posição do governo brasileiro é de habilmente. Tirar a importância que o comitê coordenador adquiriu, nos últimos anos de negociação da dívida.

Tanto o almoço como a palestra no Conselho das Américas foram fechados à imprensa. No primeiro encontro, o Ministro disse que “para crescer é preciso investir. E para

investir na escala necessária, o Brasil não poderá continuar a transferir uma quinta parte de sua poupança para atender ao serviço da dívida”. Ao aceitar isso, segundo ele, em vez de criarmos condições para eliminar a miséria, estaríamos aceitando perpetuá-la.

Funaro afirmou que a dívida externa agrava o problema do déficit público. E como, segundo o Ministro, o setor público responde por quatro quintos da dívida, os juros excessi-

NOVA YORK — O Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, disse ontem a banqueiros e empresários reunidos em almoço no Conselho de Relações Exteriores, que “nos últimos quatro anos, os brasileiros enviaram para o exterior, US\$ 34 bilhões líquidos, dos quais US\$ 27 bilhões foram transferidos para os bancos comerciais privados”. Nossos principais credores, continuou o Ministro, não vêm dando, assim, qualquer contribuição positiva à solução de um problema que também é deles.

Depois do almoço, em outro encontro com homens de negócio americanos reunidos para ouvi-lo no Conselho das Américas, o Ministro Dilson Funaro foi mais brando. “Felizmente”, disse ele, “parece estarmos chegando a uma fase mais madura, em que todas as partes envolvidas aceitam sua parcela no esquema de corresponsabilidade que permitirá encontrar uma solução duradoura para a questão.”

Antes de viajar para Washington ontem à noite, o Ministro teve o encontro mais importante do dia, com os Presidentes dos Bancos Chemical, Manufacturers, Chase e Chicago First. E com um representante do